

## Enquanto Somoza palita os dentes

Jack Clark da ABC News foi quem registrou a seqüência, que está em todos os jornais. Eu conto: um soldado da Guarda Nacional da Nicarágua manda que um homem se renda, deite-se no chão e, depois, se aproxima, aciona o gatilho e ouve-se um tiro. O homem fica mais ou menos imóvel e o soldado percebendo ainda algum movimento, volta a atirar. A arma fumeja, os outros soldados se aproximam e o assassino diz alguma coisa inaudível, talvez um palavrão, dando pontapé no cadáver que sangra.

As imagens que todos viram com os recursos da cor, não deixam a menor dúvida do que está acontecendo, enquanto o Sr. Orfilla discute em Washington, naturalmente numa sala refrigerada, nesta altura do verão, as providências que devem ser tomadas. Nestas horas, irrita-me as discussões, o jurisdicismo, enquanto violações, impunidades, estão a solta, ainda mais brutais do que o assassinato do jornalista William Stewart.

Enquanto isto, Somoza vem à televisão e diz que o assassinato foi um fato isolado, desejando assim minimizar a ocorrência, como são isolados todos os fatos similares, que vêm acontecendo em

seu país. Para ele, o que importa é permanecer na presidência até o término de seu mandato, num país dominado por sua família como uma propriedade particular, onde é dono de quase tudo, menos das almas.

Somoza vive num bunker como uma figura de tragédia, como Macbeth perseguido por pesadelos, cada vez mais solitário. Acho que se não acabar traído, morto pelos sandinistas ou por si próprio, será mais um ditador solitário no exílio. Aliás, assim como a Suíça é um país escolhido para as grandes transações internacionais, com uma organização bancária própria para os bandidos e fugitivos, deveria haver um país para os destronados e principalmente ditadores. Imaginem o Amin Dadá jogando xadrez com Somoza e o Bokasa andando, de um lado para outro, esperando reviver também seus cem dias de glória como Bonaparte, para cair logo num suposto Waterloo.

Esse Somoza por sua obstinação, por sua insensibilidade e frieza parece, tantas vezes, saído de uma estória de ficção. É um homem que não vê a tragédia de seu povo, a miséria do país, quando, a melhor saída, seria a renúncia aconselhada por um sentimen-

to humanitário. Se fosse um rufião qualquer, desses que praticam crimes com todos os requintes de crueldade e que, vez por outra, os jornais denunciavam, todos estariam chamando de monstro. Acho, no entanto, que Somoza outra classificação não poderá ter, sendo tão monstruoso como o Dada, o Bokasa e até esse aytollah não sei das contas, que à sombra da sotaina e do Alcorão, manda matar, perseguir, sujando as mãos com o sangue de milhares e milhares de pessoas, diariamente. sem que ninguém diga nada.

Fico pensando que de pouco valeu a última guerra e a ação punitiva de Nuremberg. Há pessoas que se proclamam ainda nazistas e que cultivam os mesmos ódios de ontem. O que acontece na Rodésia é também de estarrecer, todos ali aprendem a matar muito cedo, até mesmo as crianças. Na Nicarágua, um bando de garotos integram tanto as forças de Somoza quanto dos sandinistas. Aprenderam rápido a exterminar vidas, como ocorre ainda na Irlanda de nossos dias, e por aí afora.

Junto a tudo isto, dou a consciência civilizada o que vai no Sudoeste da Ásia. Falo dos refugiados, dos rejeitados por todos

os países, e que estão por aí em qualquer latitude do oceano, famintos, doentes, alguns enlouquecendo e se atirando às águas. Um governiculo da região, a propósito, exige diariamente de seus escravos não sei quantos litros de urina e não sei quantas gramas de fezes, enquanto outro, classifica os prisioneiros como lixo e recomenda aos soldados da fronteira que os mate como moscas.

Dizem que o problema dos indesejáveis prisioneiros será levado ao Conselho de Segurança da ONU, onde haverá discursos e as intermináveis discussões. Como sempre, a política será a grande conselheira e seus interesses é que irão prevalecer, pouca importância havendo a vida dos que se evadem desesperados, famintos, doentes e pedindo ao mundo, apenas um pedaço de chão para viver.

O homem jamais falou tanto em liberdade e jamais foi tão oprimido. Os opressores e ditadores são uma raça que resiste: quando um desaparece, há sempre um lugar do planeta onde outro vai sendo notado, com idêntica fecundidade de uma tênia. Agora que o Dada passou de moda e que está sob a asa do alcorônico Cel. Kadaff, da Líbia, tentando fazer sua *rentrée*, o Bokasa vai saindo

das sombras. Não é apenas um megalomaniaco que sonha ser o negativo do caporal, revivendo-o na miséria de seu «império» de azeviche, a França de Bonaparte, do qual se julga a reencarnação, tendo sobre a carapinha a mesma estrela imortal, pressentida pelo supersticioso Frederico da Prússia. O mais negro, o mais obscuro é que estes tiranos, em que incluo o próprio Somoza, têm sempre protetores graúdos, que lhes sustentam com armas, conselheiros e bom refúgio. São mais ou menos os *quislings* dos interesses internacionais. No caso do Bokasa, há muitos negócios franceses em jogo, muito diamante, minha gente. Ainda na semana passada, os jornais de Paris faziam graves denúncias em relação ao que sucedia no Império Central, manchado pelo sangue inocente de mais de uma centena de crianças mortas, friamente, a guisa de não sei o quê.

Somoza será queimado, hoje ou amanhã. Mesmo que enfrente um julgamento e depois uma condenação sumária, ficarão impunes os eternos patrões, que sempre encontram meios para seus novos substitutos. No caso desse Napoleão de tragédia, a rapacidade francesa é culpada e,

graças a isto, manteve o *ayatollah* Khomeiny durante meses, a deitar, falção contra o governo do xá, violando não só o direito do exílio como traindo um país amigo ou os próprios interesses ocidentais, que não se limitavam ao petróleo, mas a segurança estratégica da região.

A esta altura é só esperar que uma ação providencial aconteça por todos esses lugares; que Somoza vá passear, mas que os vitoriosos tenham espírito conciliador, não deixando que cresça na Nicarágua a vendeta. O país precisa retomar o seu caminho e se reconstruir. Mas os Bokasa, o Líbano dividido e sangrento, o problema dos refugiados continuarão a exigir solução, principalmente este último, que deve ser discutido agora na ONU.

Enquanto os sandinistas avançam e as forças de Somoza batem retirada, o nosso Orfilla discute como a sua OEA agirá na Nicarágua, numa sala refrigerada, bebendo refresco de maracujá e, naturalmente, já prepara um veemente protesto, como é comum, e do gosto sul-americano.